



ID: 50716479

10-11-2013

Rosto sem nome de VHILS nasceu ontem no Estoril

Festival. Além do cinema, outras formas artísticas passam pela sétima edição do LEFFEST. Uma exposição do artista português ontem inaugurada integra a programação deste ano

NUNO GALOPIM

É um grande rosto e olha-nos atento, bem de frente, mal entramos no foyer do Centro de Congressos do Estoril. É um rosto anónimo, que contudo vai revelando outras formas consoante os pontos de vista que conquistamos ao caminhar em volta desta peça, suspensa do teto e feita de várias camadas. Esta nova obra de VHILS expressamente criada para a sétima edição do Lisbon & Estoril Film Festival é assim a protagonista de uma mostra de trabalhos seus (e também de fotos de outros criados noutras cidades) que, depois de inaugurada no início da tarde ontem, estará ali patente durante os próximos dias, até ao dia de encerramento do certame.

Reconhecido como VHILS sobretudo por rostos escavados em paredes – criados com o recurso a martelos pneumáticos, explosivos, lixívia ou ácido – que podemos encontrar já em várias cidades espalhadas pelo mundo, ele é contudo apresentado no seu bilhete de identidade como Alexandre Farto. É português, cresceu no Seixal, estudou mais tarde em Londres, teve primeiros episódios de visibilidade em Lisboa mas ganhou notoriedade internacional no Cans Festival, em 2008.

“A minha ideia é a de mostrar o anonimato” que em meio urbano “se impõe de alguma maneira” e no qual nos “diluímos”, explicou o artista ao DN durante a inauguração informal que abriu ontem o segundo dia da presente edição do festival. Este seu novo projeto, como de resto acontece em muitas das suas criações, explora também as noções de “construção e desconstrução”. Ou seja, “vista de um ponto a peça está construída e, de outro ponto, começa a estar desconstruída”. No fundo, “a pessoa que vê cria assim, ela própria, a peça”, pelo que, “dependendo do ponto em que está” no espaço do foyer do centro, cada qual vai definindo a sua “abstração ou a forma” da peça.

A noção da construção e destruição é transversal à obra de VHILS, que aí identifica também uma forma de refletir sobre “não bem a discriminação, mas mais o preconceito que existiu em relação ao graffiti durante muitos anos”. Reflexão que por várias vezes também o con-



CARLOS MANUEL MARTINS/GLOBAL IMAGENS

VHILS e a sua nova peça sem nome criada especificamente para esta edição do festival

frontou com as noções de “vandalismo” e o questionar do que é, afinal, a arte. “Essa dicotomia sempre me cativou e transmite-se no trabalho que faço”, reconhece, lembrando que o graffiti, a street art em geral, representam algo “que transgride um pouco as regras do *statu quo*”, explicou ao DN.

“Portas, paredes, os excedentes que a cidade deita fora” são elementos que trabalha e que representam como que “uma paleta de cores” desse mesmo espaço urbano sobre o qual age. Há, por isso, sempre nas suas obras uma relação com o espaço onde está. Pelo que agora, ao preparar uma peça para o Estoril, entendeu o esforço como “naturalmente um fruto do que está ali à volta”. Criar uma peça para um festival de cinema levou-o contudo a um “espaço difícil”, mas que viu como “um desafio” que “faz sentido”, até porque o cinema é uma das fontes onde vai “beber muita inspiração”.

A peça *site specific* que VHILS criou para o festival não tem nome. “Eu tenho as minhas razões e o meu próprio conceito, mas gosto de deixar sempre uma margem a quem está a ver a peça. Cada pessoa criará o seu conceito e a peça não é por isso estanque...”, conclui.

A Fórmula 1 segundo Roman Polanski

MEMÓRIA O festival apresenta hoje, no Estoril, o filme *Weekend of a Champion*, que recorda o GP Mônaco de 1971, que Jackie Stewart venceu

Foi há 42 anos. Em finais de maio de 1971, Roman Polanski acompanhou o seu amigo Jackie Stewart durante o Grande Prémio do Mónaco em Fórmula 1. O piloto britânico, que tinha já sido campeão do mundo de F1 em 1969 e se preparava para conquistar o seu segundo título (dos seus três) nesse mesmo ano, deixa que Polanski e a câmara sigam a todos os momentos, seja quando está em pista ou nas boxes preparando o seu *Tyrrell* para a prova, quer em frequentes conversas que vão tendo no circuito ou na *suite* onde Stewart está hospedado. A bordo de um carro acompanhado num volta ao circuito e, depois, num pequeno almoço a dois, ouvimo-lo explicando o que é guiar um carro de Fórmula 1, sublinhando que o maior segredo está na sutileza dos movimentos (algo com que Polanski graceja, comen-

tando que a si lhe pareceu tudo rápido e agitado)...

Mais que apenas um olhar sobre o que era uma corrida de Fórmula 1 nesses tempos, *Weekend of A Champion* (passa hoje, às 17.30, no Centro de Congressos do Estoril) é um retrato de uma amizade e um olhar atento sobre um par feito por um dos mais respeitados pilotos de Fórmula 1 de todos os tempos e um realizador aficionado, claramente interessado em compreender o que acontece naquele grande circo.

Quase invisível durante quatro décadas, o filme regressou este ano aos ecrãs com as imagens devidamente restauradas e um epílogo que coloca Polanski e Stewart, mais de 40 anos depois, na mesma *suite* onde então filmaram. O que seria o retrato de um fim de semana de corridas em 1971 transformo-se assim num olhar crítico sobre o que mudou na modalidade, vincando sobretudo como a evolução das preocupações de segurança mudaram o que era então a assombração de morte que pairava sobre os pilotos. N.G.

EM COMPETIÇÃO



Filme 'Quando a Noite Cai em Bucareste'
Realizador Corneliu Porumboiu
País Roménia/França

Percorrendo os bastidores do cinema romeno

FESTIVAL Desde que, em 2007, Cristian Mungiu ganhou a Palma de Ouro de Cannes, com *4 Meses, 3 Semanas e 2 Dias*, a produção cinematográfica da Roménia reforçou a sua visibilidade internacional. Assim, tem sido possível descobrir uma “nova vaga” que se exprime quase sempre através de um realismo crítico, por vezes contaminado pelo burlesco, procurando lidar com a pesada herança da ditadura de Nicolau Ceausescu.

Corneliu Porumboiu é um nome exemplar desse movimento, tendo sido consagrado também em Cannes, um ano antes, com a Câmara de Ouro (melhor primeira obra) para *12:08 a Este de Bucareste* (2006). Descobrimo-lo, agora, sem dúvida com alguma surpresa, apostado em explorar os bastidores da rodagem de um filme e, em particular, a ligação que se estabelece entre o realizador (Bogdan Dumitrache) e a sua atriz principal (Diana Avramut). Como ele diz, logo no primeiro diálogo, o seu olhar foi formado pelo cinema com película, não pelo digital, nessa medida vendo o mundo através de uma técnica “primitiva”.

O resultado é uma crónica breve (menos de 90 minutos), mas de belas cenas longas e contemplativas, instalando um estranho sentimento de precariedade: o encontro amoroso das duas personagens parece irremediavelmente contaminado pela certeza de que o sentido da vida só se explicita no interior da ficção. Daí os momentos admiráveis em que a atriz, procurando perceber porque é que o realizador insiste em filmá-la nua, ensaia todos os gestos de uma cena num jogo insólito de transparência e mistério.

JOÃO LOPES